Fundação Getulio Vargas
23/09/2009
Revista Veja - SP

Tópico: IBRE
Impacto: Positivo
Editoria: Panorama / Radar

Cm/Col: 106
Pg: 62

■ BRASIL

Ascensão social

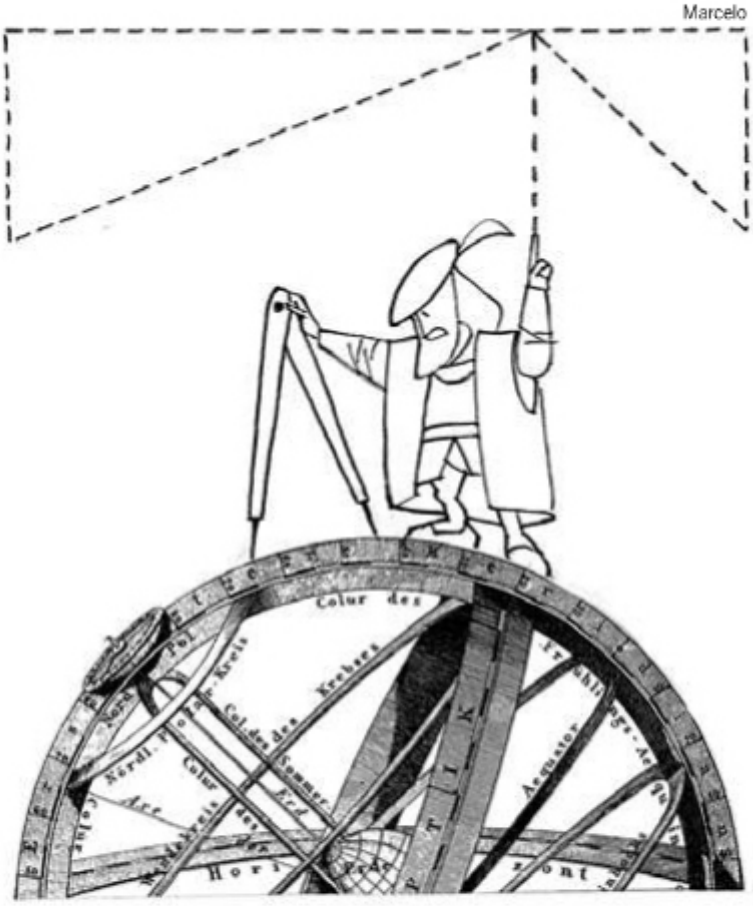
Entre 2003 e 2008, 19,3 milhões de brasileiros melhoraram de vida e deixaram a classe E. No mesmo período, 6,1 milhões de pessoas ingressaram nas classes A e B e 25,7 milhões subiram à classe C. Hoje, as classes A, B e C somadas representam 59,64% da população brasileira. Esses números constam de um estudo que o economista Marcelo Neri, da FGV-RJ, fez com base nos dados divulgados na semana passada pelo IBGE e que será lançado na segunda-feira. Mas a crise não estragou essa festa de ascensão social? Segundo outro estudo de Neri, a resposta é não: os recuos na desigualdade social registrados no último trimestre do ano passado e no início de 2009 já foram anulados.

Jornal O Globo – 24/9/2009

VERISSIMO

Ciência neutra

Marcelo



No século dezessete a busca por um meio de estabelecer a longitude levou cientistas a experimentar com métodos que, se não resolveram o desafio principal, o de assegurar a orientação dos barcos em alto-mar (o que só viria no século dezoito), trouxeram grandes avanços para a cartografia e a medição de distâncias em terra. Valendo-se da nova ciência da astronomia e dos movimentos dos planetas e seus satélites, Galileu e outros redesenharam o mapa do mundo. Tanto que o rei Luís XIV da França, diante de um mapa revisado dos seus domínios, reclamou que estava perdendo mais território para seus astrônomos do que para seus inimigos.

Anos antes um outro rei, Rodolfo II, da Boêmia, tinha tentado fazer o contrário, engajar a ciência, ou o que passava por ciência na sua época, na ampliação dos seus poderes. Rodolfo II tornou-se patrono de todas as artes claras e ocultas de que ouvia falar e recrutou para sua corte, além de artistas e pesquisadores "sérios" como Tycho Brahe e Johannes Kepler, gente como os ingleses Edward Kelley, um vigarista metafísico, e John Dee, conhecido como conselheiro da rainha Eliza-

beth I para assuntos esotéricos. Na corte de Rodolfo II experimentava-se com todos os tipos de divinação e apelo ao sobrenatural (seu astrólogo era o próprio Nostradamus), e dava-se ênfase especial à alquimia, com a qual o rei pretendia eternizar-se. Rodolfo II queria, também, o domínio do tempo e do destino.

Da ciência que prometia onipotência a reis interessados como Rodolfo II à que diminuía o território e, portanto, a majestade de Luís XIV, andou-se um bom caminho na dessacralização do poder, e tudo em menos de um século. Ainda há governantes que se acham autorizados por Deus e a Natureza a reivindicar um poder eterno — ou pelo menos um terceiro mandato — mas já são raros. E a neutralidade da ciência ajuda a sepultar qualquer presunção de favorecimento divino, e qualquer mentira mantida por conveniência política ou vaidade. A ciência da estatística — escrevi tudo isto pensando nos dados recém-publicados pela Fundação Getulio Vargas sobre a melhoria na distribuição de renda no Brasil nos últimos anos — é um bom exemplo de ciência neutra. Não é a favor ou contra ninguém, mas é à prova de falsificações históricas.

Fundação Getulio Vargas
19/09/2009
O Globo - RJ

Tópico: IBRE
Impacto: Positivo
Editoria: Economia / Entrevista

Cm/Col: 62
Pg: Capa/29

ENTREVISTA

• "O bolo cresceu para todos, com mais fermento para os pobres."
Marcelo Neri (FGV) **Página 29**

CORPO A CORPO

MARCELO NERI

'O bolo cresceu para todos'

• O economista, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, comemora o resultado, mas acredita que os desafios serão maiores a partir de agora para a redução da pobreza.

Henrique Gomes Batista

O GLOBO: *Como a pobreza caiu 12,27% em um ano, segundo seus cálculos?*

MARCELO NERI: Esse foi o segredo brasileiro. O bolo cresceu para todos, mas teve mais fermento para os mais pobres. É por isso que a pobreza caiu neste patamar, mesmo a renda média *per capita* tendo subido apenas 5,49%. Esse foi o resultado do nosso período de ouro, dos últimos cinco anos, em que o país soube aproveitar a boa maré econômica mundial.

• *O que aconteceu neste período?*

NERI: Desde 2003, 19,3 milhões de pessoas deixaram a pobreza, uma média impressionante, de 10,6% ao ano.

• *A crise mudará este cenário?*

NERI: Claro que esta Pnad é uma fotografia do passado, mas não acredito que a situação está muito diferente agora. Muitos dos indicadores já estão voltando ao patamar pré-crise, não acredito que as conquistas obtidas até a Pnad 2008 foram perdidas.

• *Esta redução de pobreza deve se repetir nos próximos anos?*

NERI: Esse é o grande desafio. O momento econômico é outro, o governo terá de ter criatividade em políticas sociais.